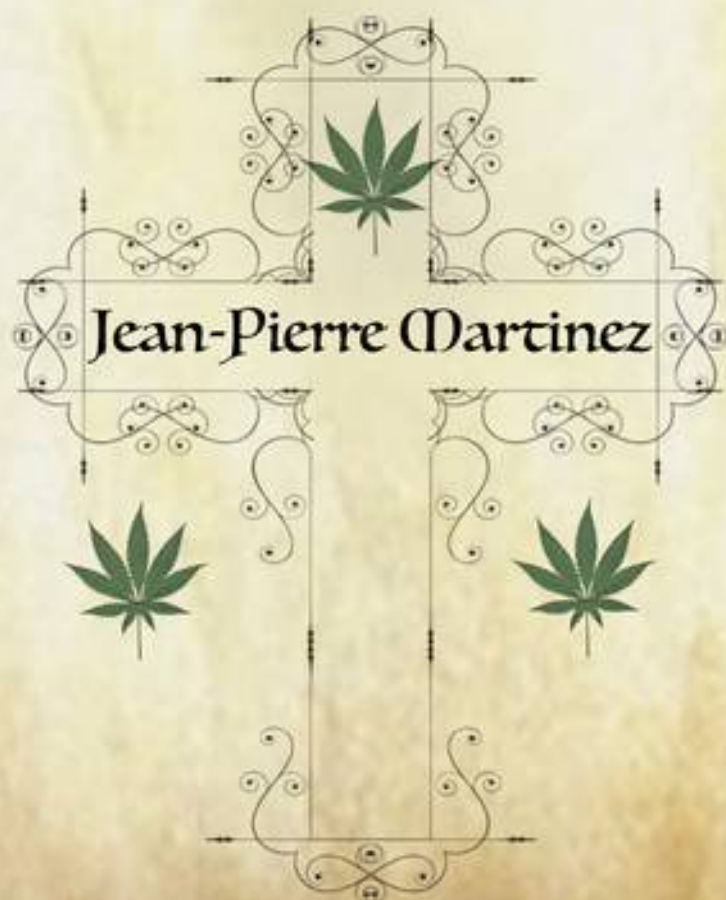


La Comédiathèque

Milagre  
no covento de  
Santa Maria-Joana



[comediathèque.net](http://comediathèque.net)

**Este texto é oferecido gratuitamente á leitura.  
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,  
deve obter a autorização do autor:  
<https://comediatheque.net>**

# **Milagre no convento de Santa Maria-Joana**

**Uma comédia de Jean-Pierre Martinez**

**Tradução de João Bartolomeu Amorim**

Na loja conventual cujas vendas financiam as boas obras das irmãs ervanárias, o famoso elixir de Santa Maria-Joana perdeu todo o esplendor de outrora, a ponto de pôr em risco a economia desta peculiar comunidade. Felizmente ou infelizmente, a Irmã Ana, que estava encarregada da destilaria do convento, morre, o que levará à chegada da irmã Inês, uma freira revolucionária noviça que a substituirá nesta delicada posição. A Irmã Inês conseguirá renovar a fórmula do elixir e decidirá acrescentar uma erva misteriosa à preparação. O sucesso espetacular da nova confecção dará muito o que falar... Será este o último milagre de Santa Maria-Joana?

## **Personagens**

Madre Superiora

Irmã Prudência

Irmã Inês

Teresa

Bernardo

Victorina

António

Sam

Traficante

Polícia

## ACTO 1

*A loja do Convento de Santa Maria-Joana vende vários produtos monásticos (bebidas, biscoitos, geleias) e outras bugigangas religiosas (velas, estatuetas, livros). O famoso elixir de Santa Maria-Joana destaca-se entre as prateleiras e expositores. Irmã Prudência faz as contas enquanto Teresa, a voluntária que a ajuda, revisa Prateleiras. Teresa fala com um pouco de otimismo forçado.*

**Teresa** – Teremos que pedir mais marcadores de livros com a imagem de Santa Maria-Joana. Ultimamente eles têm vendido como churros!

**Irmã Prudência** – Sim, mas mesmo que pudéssemos multiplicar esses churros... Aos 50 cada um, não seriam suficientes para levar este negócio para a frente.

**Teresa** – Vamos, Irmã Prudência... vamos manter a fé! Embora, infelizmente, não lhe falte razão... Além disso, não tivemos muita clientela esta manhã que possamos dizer...

**Irmã Prudência** – Mesmo nossos paroquianos mais fiéis preferem ir ao centro da cidade para comprar presentes de Natal.

**Teresa** – Trata-se de comprar produtos feitos na China ou sabe-se lá de onde... Aqui, ao contrário, todo é feito pelas irmãs de forma artesanal.

**Irmã Prudência** – Sim, Teresa, somos os únicos intermediários entre o nosso criador e o consumidor.

**Teresa** – Infelizmente, neste momento, tudo o que é monástico está a passar por um grande défice de juros.

**Irmã Prudência** – Sim, e a nossa conta bancária, por causa de um grande défice, sem mais nem menos.

**Teresa** – A situação é assim tão má?

**Irmã Prudência** – Bem, não estamos aqui para ter lucro, naturalmente. Mas se as vendas continuarem a cair, a menos que um milagre aconteça, acabaremos por ter para fechar a loja.

*Bernardo aparece em cena empurrando um carrinho de mão com uma caixa de bebidas.*

**Teresa** – Homem, Bernardo!

**Bernardo** – Os meus respetos, Teresa. Bom dia, Irmã Prudência.

**Teresa** – Oh... Tenho a impressão de que a caixa pesa muito, não é verdade?

**Irmã Prudência** – Sim, felizmente um dos nossos paroquianos, António, acaba de se reformar e doou-nos o carrinho de mão que ele usou na sua loja.

**Bernardo** – No que diz respeito às minhas costas, tem sido como um presente do céu, porque com esta ciática... Queres ajudar-me, Teresa?

**Teresa** – Claro, claro.

*Bernardo e Teresa levam a caixa entre eles e, fazendo um esforço, levam-na até ao contador.*

**Teresa** – Ufa, isto é pesado como um cadáver! O que há dentro?

**Bernardo** – Bem, a última produção de licor da nossa querida Irmã Ana, que descanse em paz. A próxima decoração virá da mão da Irmã Inês.

**Teresa** – Irmã Inês?

**Irmã Prudência** – Sim, ela é a noviça que irá substituir a Irmã Ana na destilaria.

**Teresa** – Oh sim, é verdade! Compreendo que ela chegou há alguns dias, mas ainda não tivemos a oportunidade de a conhecer pessoalmente.

**Irmã Prudência** – Na verdade passa o dia nas montanhas à procura das plantas necessárias para fabricar o nosso licor.

*Teresa pega numa garrafa e admira o rótulo.*

**Teresa** – O famoso elixir de St. Maria Joana, aquele que é suposto curar todos os nossos males.

**Bernardo** – E faz-nos redescobrir a paixão dos nossos vinte anos.

**Irmã Prudência** – Tem dúvidas?

**Teresa** – Não, não, naturalmente... Mas...

**Bernardo** – Oh... Se ao menos isto pudesse curar a minha ciática...

**Irmã Prudência** – Não brinque, Teresa, que este licor sagrado ainda é o produto emblemático do nosso convento.

**Teresa** – Sim, mas digamos, também é verdade que ultimamente não temos vendido muito, e já não sabemos onde vamos colocar tudo isto.

**Irmã Prudência** – Bem, há alguns anos atrás vendia pelo menos duas garrafas por dia.

**Bernardo** – Devemos procurar algo para impulsionar as vendas. Mas, bem, não deixa de ser uma mistura medicinal, não que se tome todos os dias como um aperitivo.

**Teresa** – Sim, algo que, a traria de volta à vida.

**Bernardo** – Um elixir da juventude que precisa de ser rejuvenescido... Terá de admitir que isto não dá muita confiança. De qualquer forma, quanto mistério com a receita para este licor, certo? Quando a Irmã Ana ia às montanhas para recolher plantas lembrava-me o druida de Asterix.

**Teresa** – Bernardo, a Irmã Ana não era nada como Panorámix.

**Bernardo** – Mulher, eu não disse isso por causa da barba...

**Irmã Prudência** – Bem, meus filhos, não blasfemem, porque a Irmã Ana acabou de se encontrar no céu com o nosso Senhor Jesus.

**Teresa** – É uma santa. Deus a tenha em descanso.

**Irmã Prudência** – Gostaria também de vos lembrar que devemos a receita deste licor sagrado a fundadora da nossa ordem.

**Teresa** – Que teve uma revelação na qual ouviu vozes.

**Irmã Prudência** – E graças a Deus, porque as vendas deste elixir divino permitiram ao nosso convento continuar a sua missão até aos dias de hoje.

*A Madre Superiora entra, seguida pela Irmã Inês.*

**Madre Superiora** – Bom dia, filhos.

**Irmã Prudência** – Bom dia, Madre.

**Madre Superiora** – Apresento-vos a Irmã Inês, a nossa nova irmã. Antes de deixarmos, a Irmã Ana transmitiu-lhe o seu testemunho, por isso será ela a destilar o nosso elixir a partir de agora.

**Irmã Prudência** – Bem-vinda ao convento de Santa Maria-Joana, Irmã.

**Teresa** – É com prazer que constatamos que, apesar da crise de vocação, continuamos a ter entre os nossos jovens candidatos à vida monástica.

**Bernardo** – Já estudou botânica, talvez?

*A Irmã Inês tenta responder, mas a Madre Superiora responde por ela.*

**Madre Superiora** – A Irmã Inês completou o Curso Superior de Comércio.

**Bernardo** – Bem, não é uma coisa pequena, é um bom treino.

**Teresa** – Queres tu dizer? Perfeita, para destilar licor...

**Bernardo** – Quero dizer, para uma freira. Apesar do desemprego que temos, os licenciados das principais escolas raramente decidem entrar num convento.

**Teresa** – Assim, vê-se que todas as estradas podem levar ao nosso Senhor Jesus Cristo.

**Irmã Inês** – Bem, a verdade é que eu decidi tomar os hábitos depois de ver a virgem.

**Bernardo** – Desculpe-me?

**Irmã Prudência** – Durante uma peregrinação a Lourdes talvez? No fundo de uma gruta como a nossa amada Bernadette?

**Irmã Inês** – Estava na verdade na faculdade... Na parte de trás de uma dessas aulas magnas..

**Bernardo** – Num PowerPoint?

**Madre Superiora** – Quando a Virgem Santa se manifesta a nós, filho, ela não nos deixa escolher nem o local nem a hora.

**Irmã Prudência** – Claro, afinal, Deus está em toda a parte. Porque não na universidade?

**Madre Superiora** – Seja como for, a sua chegada parece ser um sinal para nos encorajar para continuar a nossa missão. Além disso, tendo em conta as suas competências encarreguei a Irmã Inês de relançar as vendas dos nossos produtos.

**Bernardo** – Excelente ideia!

**Madre Superiora** – Para além de trabalhar na destilaria, a Irmã Inês estará também aqui convosco. Peço-lhes que tenham a gentileza de a pôr ao corrente de tudo que fazemos. E se conseguirem pensar em alguma melhoria...

**Irmã Prudência** – Conta connosco, Madre.

**Madre Superiora** – Confio-a a vocês. A propósito, o Natal está a chegar, portanto, enquanto ainda posso, vou voltar para tratar do presépio.

*A Madre Superiora deixa o local.*

**Irmã Prudência** – Bem, devo explicar um pouco como tudo isto está a correr?

**Irmã Inês** – Sim, vamos lá. É uma loja muito agradável, claro. Algo clássico talvez...

**Irmã Prudência** – É que mais do que uma loja, esta é uma missão.

**Irmã Inês** – Claro que sim, Irmã. Mas para cumprir a nossa missão, precisamos de meios, não é assim?

**Irmã Prudência** – As vendas dos nossos produtos permitem-nos pagar as despesas do convento. Mas também para financiar algumas obras sociais.

**Irmã Inês** – Sim, a Madre Superiora falou-me sobre isso. Lutais contra as máfias da droga, certo?

**Irmã Prudência** – Sim, dentro das nossas possibilidades, claro.

**Bernardo** – Sem armas, sem ódio, sem violência, é claro.

**Irmã Prudência** – Teresa e Bernardo fazem parte da equipa de voluntários que nos ajudam a levar a cabo a nossa tarefa.

**Teresa** – Tenho apenas tentado ser um pouco útil... E como também sou solteira...

**Irmã Prudência** – Olha, de facto, é melhor que Teresa te apresente a nossa gama de produtos, ela conhece-a muito melhor do que eu.

**Teresa** – Bem, como pode ver, temos uma grande variedade de artigos. Entre eles, o mais notável continua a ser o nosso famoso elixir de juventude, feita, como bem sabe, a partir de ervas locais.

**Irmã Inês** – Sim a Irmã Ana revelou-me o segredo da receita pouco antes de morrer.

**Irmã Prudência** – Um segredo que é transmitido de irmã para irmã, de geração para geração.

**Bernardo** – Como? Eu não conhecia esse estranho hábito.

**Teresa** – Quando a irmã ervanária sente o fim, pouco antes de receber os últimos sacramentos, confia o segredo àquele que será o seu sucessor. Felizmente, nos conventos, raramente se morre violentamente.

**Bernardo** – Um segredo tão bem guardado como o da Coca-Cola!

**Irmã Prudência** – Infelizmente, hoje o elixir de Santa Maria-Joana vende cada vez menos.

*Bernardo pega numa garrafa e examina-a.*

**Bernardo** – A verdade é que tem um ar vintage que lhe dá um certo encanto. Mas bem... Nem sequer me lembro da última vez que o experimentei.

**Teresa** – Ah! Bem, vou dar-te uma amostra, para que possas ter uma ideia.

*Teresa pega numa garrafa do balcão e serve um copo para João Bernardo, que toma-o de uma só vez, fazendo uma pequena careta.*

**Teresa** – Que tal?

**Bernardo** – Sim, é... Mmm... É engraçado... E isto está à venda?

**Irmã Prudência** – Cada vez menos, infelizmente.

**Irmã Inês** – Bem, devo confessar que também não estou muito surpreendida. Teria de ser modernizar o rótulo, renovar a receita e... Tem um website?

**Irmã Prudência** – Refere-se ao convento?

**Irmã Inês** – Em qualquer caso, pelo menos para a loja.

**Irmã Prudência** – Bem, francamente, é algo que nunca antes pensamos ser indispensável.

**Irmã Inês** – Precisaríamos de pelo menos uma página no Facebook. Poderíamos lhe chamar... "Os Amigos de St. Maria- Joana". O que é que pensa?

*A Irmã Prudência está surpreendida com estas ideias revolucionárias.*

*Entre Victorina, uma antiga paroquiana coquete, mas um pouco doente devido à idade.*

**Victorina** – Bom dia, bom dia.

**Teresa** – Bom dia, Dona Victorina. Como está esta manhã?

**Victorina** – Oh... Sabe... Na minha idade... Venho do confessionário, como todas as quintas-feiras. Depois da minha marcação de cabelo, pensei em fazer-lhes um visita.

**Bernardo** – Todas as quintas-feiras? Tem tantas coisas que confessar?

**Irmã Prudência** – Veja lá, Bernardo...

**Victorina** – Podia ir perfeitamente apenas uma vez por mês.

**Bernardo** – Ir à confissão?

**Victorina** – Não, para o cabeleireiro. Mas o que quer que eu diga... Estou entretida...

**Teresa** – Talvez queira aproveitar a oportunidade para fazer algumas compras de Natal, Sra. Victorina.

**Victorina** – Bem, francamente...

**Teresa** (*à Irmã Inês discretamente*) – Penso que esta é a ocasião para lhe deitar a mão, Irmã Inês, vou deixá-la só.

**Irmã Inês** – Bom dia, senhora. Posso ajudá-la? Precisa de alguma coisa em particular?

**Victorina** – Ora, Ora, uma nova freira! Eu não conhecia esta.

**Irmã Prudência** – Esta é a Irmã Inês, Dona Victorina, a nossa nova irmã.

**Victorina** – Oh, meu Deus, pobre criança! Mas porque vieste enterrar-te aqui? Com a tua idade? Os conventos devem ser reservados para aqueles que já não têm ocasião para pecar.

**Teresa** – Por favor, Dona Victorina...

**Victorina** – E o que a levou a tomar o hábito, Irmã Inês? Uma desilusão amorosa?

**Irmã Inês** – Uma aparição da virgem.

**Victorina** – O que queres dizer? Na tua idade, filha, tens de ver o lobo, não a virgem!

**Irmã Inês** – Bem, você disse que não estava muito em forma? Um pequeno restaurativo não faria mal. Imagino que conheça o nosso famoso elixir da juventude.

**Victorina** – Olha como ela é gira... é simpática, apesar de tudo...

*Inês pega numa garrafa do elixir e dá-a à Victorina.*

**Irmã Inês** – Leve, parece que ele é bom para tudo.

**Victorina** – Oh sim! o rejuvenescedor do Abade Rato... Lembro-me... O minha avó tinha sempre uma garrafa no armário.

**Irmã Inês** – Não, Dona Victorina, este é o licor de Santa Maria-Joana. De acordo com os nossos clientes, o efeito é muito melhor do que o do Abade.

**Teresa** – Não exageremos, não façamos publicidade enganosa.

**Bernardo** – Isto não vai restaurar a sua juventude, Sra. Victorina, mas vai ajudá-la suportar os efeitos da velhice.

**Irmã Inês** – Leva então uma garrafa?



**Victorina** – Bem, para vos dizer a verdade, ainda tenho uma que a minha avó me deixou quando ele morreu. Sabe... Hoje em dia já ninguém leva essas coisas...

**Irmã Inês** – Não tenho a certeza se o da sua avó ainda está em boas condições. Pode ser um elixir milagroso, mas ainda tem uma data de expiração.

**Victorina** – É melhor levar um marcador de livro para o missal, pois perdi o que tinha.

*Aparece António, outro paroquiano bem apresentado mas também com sinais de velhice.*

**António** – Senhoras, senhores, irmãs.

**Bernardo** – Bom dia, António. Também vieste de confissão?

**António** – Oh não... Acabei de vir do bar. Acabei de registar o totoloto, como faço todas as quartas-feiras.

**Bernardo** – Pois faz você muito bem, António, faz você muito bem. A sorte está a sorrir. Não é assim, Teresa?

**Teresa** – A sorte é o que os mais cépticos chamam aos milagres.

**António** – Em qualquer caso, se eu ganhar alguma coisa, não se preocupem, irmãs, eu faço-vos um pequeno donativo para as suas obras.

**A Irmã Inês** – Rezarei por isso ao Senhor para a ajudar com um pouco de sorte.

**Bernardo** – Em todo o caso, obrigado pelo carrinho, as minhas costas agradecem-lhe. Entretanto, ainda estamos à espera de um milagre para curar a minha ciática.

**António** – Bom dia, Madame Victorina. Como está elegante hoje!

*Victorina olha para ele de lado mas acaba por sorrir para o elogio.*

**Victorina** – Bem, acabei de sair do cabeleireiro.

**António** – Nesse caso, essa cor fica-lhe perfeitamente bem.

**Victorina** – Obrigado, António.

**António** – A verdade é que é muito... muito, primaveril, com esses reflexos alaranjados...

**Victorina** – Alaranjados? Acha que sim?

**António** – Não, na verdade, alaranjados não são... Eu estava a dizer...

**Victorina** (*à Irmã Inês*) – Achas que tenho cabelo cor-de-laranja, minha pequena Inês?

**Irmã Inês** – Não sei bem, é um pouco como... Azul... petróleo, certo?

*Victorina responde horrorizada.*

**Victorina** – Azul petróleo?

**Irmã Inês** – Não, na verdade é mais como... Azul... Metalizado.

**Bernardo** – Azul metalizado? Olha, tal como o meu carro.

**Victorina** – Bem, vou voltar para o cabeleireiro! Eles vão ouvir-me!

**Irmã Inês** – E esta garrafa, Dona Victorina? Devo guardá-la?

**António** – Olha! O elixir de St. Maria-Joana! Já nem sequer me lembrava que ele existia!

**Irmã Inês** – Os grandes clássicos são eternos, mas a Dona Victorina ainda duvida...

**Victorina** – Sabe, estes elixires milagrosos... Tenho-os tomado toda a minha vida o Abade Rato e olha para mim.

**António** – Bem, acho o resultado espectacular, minha querida Victorina.

**Victorina** – Que quer você dizer?

**António** – Vá lá, vou oferecer-lhe esta garrafa.

**Victorina** – Obrigado, mas não sei se devo...

**António** – Sim, e por isso convida-me a tomar uma bebida consigo.

**Victorina** – Bem, porque não?

**Teresa** – Aqui está! Esta é a nossa primeira venda.

*A Irmã Prudência mete uma garrafa num saco à Victorina e a António paga a garrafa.*

**Teresa** – Logo me contaram vocês o efeito.

**António** – Dê cá, eu levo-o por si e de caminho acompanho-a.

**Victorina** – Bem, estou encantada, António, com prazer.

**António** – O seu cabelo está muito bem feito, garanto-lhe.

**Victorina** – Acha mesmo que sim?

*Victorina e António deixam o local. A Victorina, na excitação, esquece a sua bolsa.*

**Teresa** – Pelo menos, parece que este elixir tem o poder de unir corações solitários.

**Bernardo** – Infelizmente, receio que ambos estejam mortos antes de poderem terminar a garrafa.

*A Irmã Prudência dá-lhe um olhar desaprovador.*

**Irmã Prudência** – Bernardo!

**Bernardo** – Oh, não! Eu não quis dizer que o elixir lhes fará algum dano... Apenas, à taxa de uma chávena por mês, não será suficiente para superar as contas do convento.

**Irmã Inês** – Daí a necessidade de uma mudança nos nossos métodos de venda.

**Irmã Prudência** – A palavra "mudar" é uma palavra que soa um pouco estranha numa convento, não acha, Irmã?

**Irmã Inês** – É isso mesmo. As tradições são muito importantes, mas se o convento ficar sem recursos, as suas obras sociais serão afectadas.

**Irmã Prudência** – Bem, tem razão, mesmo que me custe admiti-lo. Receio que este ano, a menos que ocorra um milagre, já não teremos meios para continuar com a nossa missão na luta contra a droga.

**Irmã Inês** – Bem, sabem que mais? Proponho-me a conseguir esse milagre.

**Irmã Prudência** – Irmã Inês, está tudo bem? Parece um pouco exaltada.

**Irmã Inês** – Eu sei como relançar as vendas do nosso elixir, Irmã!

**Teresa** – Conte, Irmã Inês, conte.

**A Irmã Inês** – Encontrei uma erva na montanha.

**Teresa** – Uma erva? Bem, não há nenhuma por aqui...

**Irmã Inês** – Sim, mas é uma planta que não é reconhecida em nenhum dos livros sobre botânica que encontrei na biblioteca do convento.

**Bernardo** – Tenha cuidado, Irmã Inês, que as ervas são como cogumelos, não se pode fiar muito nelas.

**Irmã Inês** – Bem, experimentei-a numa nova receita para o licor e o resultado é espectacular, garanto-vos. Tem melhor sabor e os efeitos parecem ser duplicados. Eu penso que se o colocássemos à venda, conseguiríamos mais clientes.

**Bernardo** – Isto está definitivamente a tornar-se cada vez mais parecido com a poção mágica de Panorámix.

**Irmã Prudência** – Não sejamos ainda muito apressados... A fórmula deste elixir é multicientenário. Para a alterar seria uma decisão demasiado importante, teriam de acordar três quartos das irmãs do convento.

**Irmã Inês** – E teria de preparar uma sessão de degustação com a Madre Superiora.

**Irmã Prudência** – Acha mesmo que deve ser incomodada por isso?

**Bernardo** – Pois foi ela própria que nos encorajou a reformar o nosso métodos.

**Irmã Inês** – Podemos manter as tradições sem ter de rejeitar o novas ideias.

**Irmã Prudência** – Bem, Teresa, faça-me um favor, vá e encontre a Madre Superior. Ela está na capela a preparar o presépio.

**Teresa** – Vou já para lá, irmã.

*Teresa deixa o local.*

**Irmã Prudência** – Como o vamos fazer, então?

**Irmã Inês** – Já preparei um pequeno frasco do meu novo elixir.

**Bernardo** – Um frasco? Era o que eu estava a dizer quando falava da poção mágica...

**Irmã Inês** – Podíamos fazer uma degustação às cegas.

**Irmã Prudência** – Irmã Inês, não pretende pôr a Madre Superiora a brincar à cabracega?

**Irmã Inês** – Não, é simplesmente uma questão de lhe dar uma amostra do elixir tradicional e do novo sem lhe dizer qual é qual. Dessa forma, pode decidir objectivamente sobre um.

**Bernardo** – Oh, meu Deus!

**Irmã Prudência** – Bem, tudo bem... De qualquer forma, não tenho a certeza de que tudo isto é muito católico...

*Eles estão a preparar tudo para a sessão de degustação. Antonio e Victorina regressam ao palco.*

**Victorina** – Oh... Já nem sei onde está a minha cabeça... Esqueci-me da minha bolsa.

**António** – O elixir ainda não teve tempo de fazer efeito. Algumas vezes também estou a perder a minha memória.

**Irmã Inês** – Oh! António, Victorina, vocês vêm a calhar! Estávamos à procura de voluntários!

**António** – Voluntários?

*A Irmã Prudência olha para ela e está um pouco mais calma. A Madre Superiora chega com Teresa.*

**Madre Superiora** – Bem, vamos ver isso, filhos.

**Irmã Inês** – Madre, preparei uma nova fórmula para o elixir de Santa Maria-Joana e eu gostaria de saber a sua opinião. Vou dar-vos a todos um bocado de duas pequenas amostras do elixir sem lhes dizer o que é o novo.

**Madre Superiora** – Está bem...

*A Irmã Inês, observada por todos, serve uma primeira rodada e dá um pequeno copo a cada um. Após um momento de hesitação, todos na sala provam tranquilamente o licor.*

**Bernardo** – Mmm... Sim...

**Irmã Prudência** – Esta é a receita tradicional, não é?

**Teresa** – Pois não é mau, mas...

**Victorina** – É um restaurador como qualquer outro...

**Antônio** – De qualquer forma, ainda tem um pouco de sabor a medicina...

**Madre Superiora** – Sim, é o elixir de St. Maria-Joana. E depois?

*A Irmã Inês, sem dizer nada, serve o novo elixir. Quando o bebem, todos reagem de uma forma mais expressivo.*

**Teresa** – Oh, sim!

**Bernardo** – Este sabe muito melhor do que o outro.

**Madre Superiora** – Sim, isso é engraçado...

**Antônio** – Não há nada de errado com ele...

**Irmã Prudência** – Encontro nele um sabor a maçã.

**Irmã Inês** – É porque leva maçã.

**Madre Superiora** – Mas é necessário que este elixir continue a ter o mesmo efeitos benéficos do que o anterior.

**Irmã Inês** – Não tirei nada, apenas acrescentei aquele pequeno toque.

**Victorina** – Bem, eu tentaria de novo só para ter a certeza.

**Irmã Inês** – Está bem, mas só tenho mais um copo para encher.

*A Irmã Inês enche o copo e dá-o à Madre Superiora, que o passa à Irmã.*

*Prudência e esta para Bernardo.*

**Madre Superiora** – Sim, é...

**Irmã Prudência** – Sim, esta é a boa.

**Bernardo** – Mmmm... Que sensação de bem-estar!

*Bernardo fica com o seu copo na mão com um olhar distraído no rosto.*

**Teresa** – A viajar, Bernardo, a viajar!

**Bernardo** – Oh sim, sou eu, Bernardo, é verdade. Desculpe, parece que tenho a cabeça noutra lugar...

*O ambiente é descontraído.*

**Irmã Inês** – Meu Deus, acho que voltei a ver a Virgem.

**Irmã Prudência** – Outra vez? Mas onde?

**Irmã Inês** – Aqui, no fundo do meu copo!

**Antônio** – Vá lá, eu também! E não é a primeira vez!

*Um a um, eles começam a rir e não conseguem parar.*

**Madre Superiora** – Penso que o melhor que devemos fazer é parar aqui a sessão de provas.

**Irmã Prudência** – Sim, eu não sei realmente o que se passa comigo. Também tenho a impressão ter visões.

*A Victorina tira um espelho de bolso da sua bolsa e olha-se a si própria.*

**Victorina** – De que cor pensa que é agora o meu cabelo?

**Antônio** – Eu diria rosa.

**Victorina** – Sim, foi o que eu pensei.

**Madre Superiora** – É verdade que é muito relaxante. Não me sentia tão bem desde aquela vez que... Oh! eu ia dizer uma parvoíce...

**Teresa** – Penso que temos abusado um pouco deste maravilhoso elixir.

**Irmã Inês** – Cuidado, tem 38 graus.

**Irmã Prudência** – Penso que a melhor coisa que podíamos fazer era ir para a cama.

**Irmã Inês** – Antes das Vésperas, Irmã?

**Madre Superiora** – Não pensaria em ir dançar, imagino?

**Irmã Prudência** – Aprenda que aqui se dorme com as galinhas.

**Irmã Inês** – Com as galinhas?

**Antônio** – Agora que o mencionou, quem apareceu primeiro, a galinha ou o ovo?

**Teresa** – Hum! Não percebo nada!

**Irmã Inês** – E quanto à degustação, o que decidimos?

**Madre Superiora** – Bem, eu não sei muito bem. Já não tenho ideias muito claras.

**Irmã Inês** – Talvez pudesse-mos votar?

**Irmã Prudência** – Parece-me a coisa mais razoável a fazer, mas devemos tomar um tempo de reflexão.

**Teresa** – Vamos dormir sobre o assunto.

**Madre Superiora** – Tens razão, filha. Vamos deixá-lo por agora, amanhã veremos muito mais claro.

**Bernardo** – Gostaria que eu o acompanhasse, Talissa?

**Teresa** – Talissa? Eu chamo-me Teresa.

*Bernardo e Teresa estão a rir-se como idiotas. Todos se dirigem para a saída com um andar instável, um pouco desajeitado e tropeçante.*

**Irmã Prudência** – Madre, cuidado com o degrau!

**Madre Superiora** – Que degrau?

**Teresa** – Tanto quanto sei, não havia nenhum.

**Madre Superiora** – Onde estamos! Talvez seja outra visão!

*Todos abandonam o palco e a luz apaga-se.*

## ACTO 2

*A luz acende-se simbolizando um novo dia. Teresa chega à loja acompanhada de João Bernardo e, uma vez dentro, vira-se para olhar para a entrada e verificar não havia degrau nenhum.*

**Teresa** – Ah, não, não há degrau nenhum.

**Bernardo** – É engraçado... A esta hora, a Irmã Prudência já cá devia estar.

**Teresa** – Tanto quanto podemos ver, as nossas queridas irmãs têm tido problemas com o despertador. Ainda não ouvi o sino tocar.

**Bernardo** – Para lhe dizer a verdade, você também dormiu muito bem.

**Teresa** – Mas... Como é que sabe isso, Bernardo?

**Bernardo** – Lembresse que a acompanhei a sua casa ontem à noite...

**Teresa** – Ah, sim, talvez... É que como havia um nevoeiro tão estranho... Havia nevoeiro mesmo dentro de casa! Então, acompanhou-me? E o que aconteceu a seguir?

**Bernardo** – Bem, você parecia tão cansada para subir as escadas, que fui até ao seu quarto.

**Teresa** – Não me diga que...?

**Bernardo** – Eu sou um cavalheiro, Teresa. E acredite em mim, pois na noite passada. Até podíamos falar de heroísmo, porque não me queria deixar ir embora. Lembra-se?

**Teresa** – Pois não...

**Bernardo** – A senhora parecia um pouco exaltada e eu não queria abusar da situação, mas... Deixa-me pelo menos uma porta aberta à esperança?

**Teresa** – Oh, meu Deus!

*A Irmã Prudência chega com um hábito confuso e um olhar de culpada no seu rosto.*

**Irmã Prudência** – Desculpem, mas é a primeira vez que acontece. Não ouvi os sinos.

**Teresa** – Acho que todos nós nos entusiasmámos um pouco demais ontem à noite, não acha?

**Bernardo** – Sim, é engraçado. Sinto que tenho uma ressaca...

*A Irmã Inês também aparece num estado de desordem com uma caixa cheia de garrafas.*

**Irmã Inês** – Passei a noite toda a fazer mais um pouco do novo elixir, teremos certamente sucesso! Vamos disparar as vendas!



**Irmã Prudência** – Recordo-lhe, Irmã, que a Madre Superiora ainda não deu a autorização para iniciar a produção.

*A Madre Superiora entra em cena.*

**Madre Superiora** – Bom dia, filhos. Desculpem-me, mas esta manhã não despertei para tocar os sinos.

**Irmã Inês** – Em qualquer caso, é inegável que uma das virtudes da nova fórmula do elixir, é que ajuda a dormir.

**Madre Superiora** – Bem, é verdade, eu dormi como uma mulher abençoada ontem à noite. De qualquer modo, estes efeitos secundários parecem um pouco incontrolláveis.

**Irmã Inês** – O melhor é que a dose não tenha sido bem calculada...

**Irmã Prudência** – O que pensa, Madre?

**Madre Superiora** – Não sei muito bem...

**Irmã Prudência** – Bem, terá de ser tomada uma decisão.

**Madre Superiora** – Teresa, qual é a sua opinião?

**Teresa** – Não há como negar que este novo elixir tem propriedades narcóticas... Mas também tem um grande poder calmante e um importante efeito de desinibição. Isto poderia transformar-se num cocktail explosivo.

**Irmã Prudência** – E se foi o próprio diabo que colocou aquela erva o nosso caminho?

**Madre Superiora** – O que quer dizer? Como a cobra no Jardim de Eden? Tentadora e seduzindo Eva com o fruto proibido?

**Irmã Prudência** – Continuo a dizer que encontro nele um certo sabor a maçã...

*Há um silêncio e um momento de reflexão.*

**Madre Superiora** – Tem razão, Irmã Prudência. Irmãs, é melhor ser mau e conhecido que bom por conhecer. É melhor esquecer esta perigosa reforma e limitar-nos à fórmula tradicional do nosso elixir.

**Irmã Inês** (*escondendo a sua desilusão*) – Muito bem, Madre...

*A Madre Superiora olha para a caixa trazida pela Irmã Inês.*

**Madre Superiora** – Espere, o que é isso?

**A Irmã Inês** – Tinha preparado algumas garrafas, só para o caso de... Mas vou destruí-los, não se preocupe, prometo-vos.

**Madre Superiora** – Bem, isso está resolvido.

*A Madre Superiora prepara-se para partir enquanto a Irmã Inês continua a falar.*

**Irmã Inês** – Mesmo assim... É uma verdadeira pena não lhe dar uma única oportunidade...

**Madre Superiora** – Desculpe-me, irmã, estava a dizer?

**Irmã Inês** – Afinal, ele é apenas um restaurador monástico. Não estávamos a falar de cocaína ou algo do género!

**Madre Superiora** – Não está a questionar a minha decisão?

**Irmã Inês** – Só estou a dizer que a recusa em inovar e reformar é uma grande fraqueza.

**Madre Superiora** – Minha querida filha, aprenda que é uma característica própria da Igreja, o ser incapaz de se reformar, quero dizer.

**Bernardo** – Esta aversão à reforma leva-nos por vezes a cometer alguns excessos, mas também temos de reconhecer que nos permitiu manter as nossas amadas tradições até aos dias de hoje.

**Teresa** – Tradições que são a inveja de todo o mundo.

*O telefone toca e a Irmã Inês exclama muito emotiva.*

**Irmã Inês** – Ah, mas tem um telefone?

**Irmã Prudência** – Claro que sim.

*A Irmã Prudência atende o telefone.*

**Irmã Prudência** – Santa Maria-Joana, diga-me? Não, eu digo Santa Maria-Joana porque está a ligar para o convento que tem este nome, mas eu não sou nem um santa nem me chamo Maria-Joana. A tesoureira? Sim, esse sou eu. Não me diga... Sim, é de facto, lamentável. Compreendo... Deve ser um mal-entendido, vamos resolvê-lo de imediato. Obrigado por ligar... Sim, sim, prometo. Deus abençoe a sua entidade.

**Madre Superiora** – Há algum problema, Irmã Prudência?

**Irmã Prudência** – Era do banco... Um dos nossos cheques foi rejeitado.

**Madre Superiora** – Bem... Teremos de fazer um depósito na conta.

**Irmã Prudência** – Mas, Madre, com que dinheiro?

**Madre Superiora** – Não podemos pedir um pequeno empréstimo?

**Irmã Prudência** – Você sabe que isto é totalmente contrário aos princípios de a nossa ordem, madre. Além disso... Já temos dois... E receio que o banco não estará disposto a conceder-nos o terceiro.

**Irmã Inês** – Vê como é urgente que endireitemos as contas.

**Irmã Prudência** – Infelizmente, tem razão a esse respeito.

*António e Victorina chegam muito mais em forma do que ontem à noite.*

**Antônio** – Bom dia!

**Victorina** – Bom dia! Como estão todos? Ótimos?

**Teresa** – Vê-se que vocês estão, não precisam de perguntar... É óbvio...

**Antônio** – Sim, estamos em grande forma, não estamos, Victorina?

**Victorina** – Não me sentia tão bem há anos. E sabem que mais?

**Irmã Prudência** – O quê?

**Victorina** – Tenho a impressão de que o vosso elixir milagroso tem algo a ver com isso!

**Antônio** – Claro que sim. No que me diz respeito... estou absolutamente convencido!

**Victorina** – Hoje dormi como uma santa e já nada dói. Bem, quase nada...

**Antônio** – E penso que também é bom para a moral. Estamos mais contentes do que umas castanholas! Não é verdade, Victorina?

**Victorina** – De qualquer forma, vamos comprar-lhes mais algumas garrafas.

**Teresa** – Ah, bem...

*Teresa retira duas garrafas da prateleira.*

**Victorina** – Oh não! Não é desse tipo! O novo tipo!

**Irmã Prudência** (*com um tom muito comercial*) – O que se passa é... Olha, dê duas garrafas do nosso licor habitual pelo preço de uma!

**Victorina** – Nem pensar! Nós preferimos a nova fórmula.

**Irmã Inês** – Está a ver com os seus próprios olhos, Madre. Parece-me que valeria a pena.

*A Madre Superiora parece estar hesitante, mas finalmente decide.*

**Madre Superiora** – Bem, dê-lhes uma garrafa do novo elixir... uma vez que tem destilado alguns, seria uma vergonha desperdiçá-los.

**Antônio** – Só um? Não podiam ser dois?

**Irmã Inês** – Até novo aviso, será apenas uma garrafa para cada duas pessoas.

**Victorina** – Isto faz-me lembrar os livros de racionamento durante a guerra...

**Antônio** – Conheceu os cartões de racionamento?

**Victorina** – Claro que não! Sou demasiado jovem para isso. A minha mãe é que costumava dizer-me.

**Irmã Inês** – Por enquanto, o preço é o mesmo que a fórmula antiga, mas já vos aviso que provavelmente haverá um pequeno aumento.

**Antônio** – O preço não importa desde que mantenha o seu novo efeito. Bem, agora vamos levar esta garrafa e quando tiver mais, vai pôr-nos de lado uma caixa.

**Victorina** – Obrigado a todos e... Feliz Natal!

**Teresa** – Igualmente. E, acima de tudo, tomem-no com moderação.

*Antônio e Victorina saem a rir como dois rapazes da escola. Madre Superiora vira-se para a Irmã Inês, que tem um grande sorriso de satisfação.*

**Madre Superiora** – Para que conste, isto é apenas um teste...

**Irmã Inês** (*recuperando a seriedade*) – Sim, claro, Madre...

*A Madre Superiora deixa o local.*

**Irmã Inês** – Eu, só por precaução, vou fazer mais algumas garrafas para não estarmos esgotados caso este teste se torne um sucesso.

**Irmã Prudência** – Não vá tão depressa. Por enquanto, temos apenas dois clientes.

*A Irmã Inês coloca as garrafas da caixa numa prateleira.*

**Teresa** – Irmã Inês?

**Irmã Inês** – Sim? Diga?

**Teresa** – Sei que a receita deste novo licor tem de permanecer em segredo, mas diga-me pelo menos que não estamos a fazer nada de ilegal.

**Irmã Inês** – Como ilegal?

**Teresa** – Como o absinto em outros tempos, por exemplo...

**Irmã Inês** – Estou mais preocupada com a possibilidade de encontrar plantas suficientes para poder continuar a produção.

**Bernardo** – Talvez devesse considerar começar a cultivá-las você mesmo.

*A Sam entra e parece hesitante. Todos ficam surpreendidos ao ver alguém tão jovem ali.*

**Sam** – Olá?

**Teresa** – Bem-vinda, filha, estás em casa.

**Sam** – Obrigado, obrigado...

*Sam está a olhar para as prateleiras e todos se aproximam dele.*

**Teresa** – Posso ajudá-la? Precisa de alguma coisa?

**Bernardo** – Deixa-a em paz, Teresa, tenho a certeza que ela está à procura de respostas. Na sua idade é a altura de fazer perguntas sobre o sentido da vida, do amor ou da sexualidade.

**Teresa** – Se quiser, podemos aconselhá-la sobre um livro ou dois.

**Sam** – Não se preocupe, não é disso que se trata... Na verdade... É a minha avó que...

**Irmã Prudência** – A sua avó?

**Sam** – Sim, Victorina...

**Teresa** – Oh, sim! És a neta da Victorina! Não a reconhecemos.

**Sam** – Viu-me à saída e ela falou-me de um xarope que vende aqui.

**Bernardo** – Ah, sim? O que é que ela disse?

**Sam** – Bem, na verdade, ela falou-me de algum tipo de poção. Ela descreveu-me os efeitos e...

**Irmã Inês** – Já se aperceberam? A palavra de boca em boca já funciona!

**Irmã Prudência** – Mas não pode ser. A tua avó acabou de sair e já levou uma garrafa, não podemos dar-lhe outra.

**Sam** – Sim, sim, mas não é para ela... É para mim. É que eu tenho de preparar alguns exames, e tenho um pouco de frio... De qualquer forma.

**Teresa** – Uma constipação? Queres dizer?

**Sam** – Isso, eu tusso um pouco, não sei onde a arranjei...

*O Sam está a tossir um pouco falso.*

**Sam** – E como parece que o vosso licor é bom para tudo...

**Irmã Prudência** – Ah, não! Mas tem álcool, não se pode beber.

*A Irmã Inês retira uma garrafa da caixa.*

**Irmã Inês** – Não se preocupe, já estava a contar com isso e preparei uma versão sem álcool para os mais novos.

**Irmã Prudência** – Bem, parece que estás metida em tudo, Irmã Inês.

**Sam** – Obrigada, irmã, acabou de salvar a minha vida.

**Irmã Inês** – Bem, aqui está a sua garrafa, aproveita-a.

*Sam pega na garrafa e dá à Irmã Inês uma nota de 10 €.*

**Sam** – Obrigada, irmã. Tenho a certeza de que será útil.

**Irmã Inês** – És sempre bem-vinda, filha, nós estaremos aqui.

**Sam** – Na verdade, já me sinto muito melhor, deve ser a atmosfera. Bem, obrigado por tudo e até à próxima vez.

**Teresa** – Isso, isso, até à próxima vez. Dá cumprimentos à tua avó.

*Sam deixa o local.*

**Bernardo** – Pode não estar cientificamente provado, mas se este licor puder atrair novas gerações na fé...

**Teresa** – Isto é outro dos milagres de Santa Maria-Joana.

*Um polícia à paisana entra em cena e anda por aí a olhar para as prateleiras.*

**Irmã Prudência** – Oops! Parece que isto está a começar a animar.

**Polícia** – Estas velas são bonitas. Poderiam ser um belo presente de Natal.

**Irmã Prudência** – Estas são velas com a imagem da nossa fundadora, Santa Maria-Joana.

**Polícia** – Santa Maria-Joana? Veja lá...

**Teresa** – Posso ajudá-lo em alguma coisa?

*O polícia retira o seu distintivo e mostra-lho.*

**Polícia** – Comissário Ramirez. Bom dia, irmãs.

**Irmã Prudência** – Todos são bem-vindos à casa do Senhor, mesmo polícias.

**Bernardo** – Imagino que na esquadra terá uma grande necessidade de manter a fé, especialmente nestes tempos difíceis.

**Irmã Prudência** – Estamos aqui para o ouvir, Comissário, para nos dizer.

**Polícia** – Bem, mais do que dizer-vos, irmãs, vim para ser informado por vós.

**Teresa** – Peço perdão?

**Polícia** – Suspeitamos que existe uma plantação de marijuana em redor do convento.

**Irmã Prudência** – De marijuana?!

**Bernardo** – Sim, é a isso que eles chamam de haxixe, irmã.

**Irmã Prudência** – Oh, Deus no céu!

**Polícia** – Não é uma planta nativa, vem do estrangeiro, vocês sabem, cada um se abastece da sua própria plantação. E, se isto começar a acontecer aqui, teremos de fumigar cada centímetro desta terra.

**Bernardo** – Primeiro temos de saber onde fica a plantação, digo eu. Porque esses jardineiros amadores, suponho que se esforçarão por ser discretos.

**Polícia** – Bem, essa é precisamente a razão da minha visita. Como as irmãs conhecem muito bem a montanha, pensamos que nos podem ajudar.

**Irmã Prudência** – Dar-lhes uma ajuda?

**Polícia** – Sim, talvez tenha visto alguma planta invulgar nas proximidades.

**Irmã Prudência** – Está a falar de drogas?! Nem sequer sabemos como é que isso se parece mesmo!

*O polícia mostra à Irmã Prudência uma foto da planta, que ela não sabe o que é.*

**Polícia** – Veja, aqui está uma fotografia da alegada planta. Não preciso de vos dizer que não é uma planta que cresce naturalmente nesta região.

**Irmã Prudência** – Se alguém o pode ajudar nisto, é a Irmã Inês, ela passa muito tempo nas montanhas a recolher ervas para os nossos licores reconstituíntes.

*O polícia mostra a fotografia à Irmã Inês, cuja expressão está paralisada.*

**Polícia** – Então, irmã... reconhece-a? Dê uma boa vista de olhos e leve o seu tempo. Recordo-vos que se trata de uma planta proibida.

*A Irmã Inês fica sem palavras e a Madre Superiora entra rapidamente.*

**Polícia** – Você está bem, irmã?

**Irmã Prudência** – Sim, sim, ela está bem. É que...

**Madre Superiora** – Ela fez um voto de silêncio!

**Irmã Prudência** – Exactamente o que eu ia dizer, Madre!

**Polícia** – Estou a ver, estou a ver... Deixo-vos a fotografia na mesma, caso reconsiderem o vosso voto.

*A Madre Superiora tira a fotografia.*

**Madre Superiora** – Eu sou a Madre Superiora deste convento, Comissário. Vamos pedir à Irmã Inês para responder à sua pergunta por escrito.

**Polícia** – Muito bem, madre. E se, por acaso, tivesse informações que poderiam ser de interesse, seríamos informados, não é verdade?

**Madre Superiora** – Claro que sim, claro.

*O polícia olha para a caixa e pega numa garrafa do novo licor.*

**Polícia** – De que é feito este licor, irmãs?

**Irmã Prudência** – Com diferentes plantas medicinais da região, Comissário. A receita é um segredo guardado durante séculos pelas irmãs encarregadas de destilar este grande reconstituínte.

**Teresa** – Além disso, esta é a razão pela qual a Irmã Inês fez um voto de silêncio. Hoje é o única que conhece a fórmula do elixir de São Maria-Joana.

**Polícia** – Estou a ver, estou a ver... Agora compreendo muitas coisas... Bem, olhe, vou levar uma garrafa. Afinal, se é tão medicinal, não pode fazer mal a ninguém, certo?

*A Madre Superiora retira rapidamente o frasco das suas mãos.*

**Madre Superiora** – Lamento, mas estas já estão reservadas.

**Polícia** – Todas elas?

**Irmã Inês** – Está quase a chegar o Natal!

**Madre Superiora** – Shhhht! Irmã Inês! Os votos! (*Ao Comissário*) Desculpe-me, Comissário, por vezes é difícil conter-se. Acabou de chegar ao convento e ainda não está acostumada aos seus votos. Como estava a dizer a Irmã Inês, que o Natal está a chegar e os nossos fiéis apreciam muito os nossos produtos.

**Teresa** – Sim, Comissário, pegue antes numa vela.

*Teresa dá uma vela ao polícia, que responde de surpreendido.*

**Polícia** – Bem... Então, quanto é que lhe devo?

**Teresa** – Nada, Comissário, um presente da casa.

**Madre Superiora** – Deus abençoe a polícia!

**Polícia** – Obrigado, Madre. E desculpem-me por interromper por um momento a serenidade deste convento. É um lugar verdadeiramente pacífico. A verdade é que eu invejo-os.

**Madre Superiora** – A sério?

**Polícia** – Totalmente. Sabe, vemos tanta coisa lá no trabalho... Eu não me importaria de terminar os meus dias num mosteiro longe de toda a violência, rodeado de rostos bondosos e honestos.

**Irmã Prudência** – Que bom ouvi-lo dizer isso. Feliz Natal, Comissário!

**Polícia** – Igualmente. Até breve, irmã.

*O polícia deixa o local e há um silêncio embaraçoso.*

**Madre Superiora** – Irmã Inês, não me digas que puseste marijuana no elixir de Santa Maria-Joana?

**Irmã Inês** – Juro perante Deus, Madre, não sabia que se tratava de uma droga.

**Irmã Prudência** – Meu Deus! Até mentimos à polícia. Pecámos!

**Irmã Inês** – Por omissão, Irmã, apenas por omissão.

**Teresa** – Agora compreendo estes novos efeitos. Ontem, eu própria tive a sensação a ser possuída pelo próprio diabo.

**Bernardo** – Possuída pelo diabo? Ela não o dirá por mim, espero eu.

**Irmã Inês** – Então, o que é que fazemos?

**Madre Superiora** – O que quer dizer? Paramos tudo agora mesmo, evidentemente.

**Bernardo** – Não me parece que Jesus tenha dito «bebam e fumem, todos»...



**Irmã Inês** – Correcto, mas o que ele disse foi «tomai e bebei», por isso...

**Madre Superiora** – Não blasfememos, destruamos este diabólico elixir no fogo.

**Irmã Inês** – Claro, Madre, claro.

**Irmã Prudência** – Não vamos transformar isto num laboratório clandestino.

**Irmã Inês** – Por outro lado...

**Madre Superiora** – O quê? O que se passa agora?

**Irmã Inês** – Pois... Não poderíamos considerar isto um sinal de Deus?

**Madre Superiora** – Não me diga que voltou a ver Nossa Senhora para terminar este licor, irmã?

**Irmã Prudência** – Um sinal, dizes tu?

**Irmã Inês** – Santa Maria-Joana... Marijuana... Reconhecer que a coincidência é, pelo menos, para duvidar.

**Madre Superiora** – O que quer dizer com isso, Irmã Inês?

**Irmã Inês** – Como o convento está economicamente no vermelho...

**Madre Superiora** – Mas é droga, irmã!

**Irmã Inês** – Mas é uma droga suave, Madre. Além disso... Marx não disse a religião é o ópio do povo?

**Madre Superiora** – Jesus, irmã, não creio que, dito por ele, isso seja um cumprimento.

**Irmã Prudência** – Saiba também que na casa de Deus, citamos mais a Bíblia do que O Capital.

**Irmã Inês** – Irmãs, penso que St. Maria-Joana quis vir na nossa ajuda.

**Irmã Prudência** – Combater a droga cultivando marijuana em casa... Chegamos ao cume dos disparates! Madre diga alguma coisa!

**Madre Superiora** – Confesso que já não sei o que pensar. Desde que fui bebendo aquela maldita mistura, já não tenho uma ideia clara.

**Irmã Prudência** (*santificando-se*) – Jesus, Maria e José!

**Madre Superiora** – Teresa, você é uma boa conselheira, o que acha?

**Teresa** – No ponto a que chegámos, penso que é inútil agir de uma forma apressada. Vamos, pelo menos, demorar algum tempo a reflectir e esperar até os efeitos do licor desaparecem.

**Madre Superiora** – Parto agora mesmo para rezar ao Senhor na esperança de que Ele se digna a limpar um pouco a minha cabeça.

*A Madre Superiora deixa a cena e António e Victorina aparecem vestidos muito mais jovens, mesmo com um estilo hippie.*

**António** – Temos uma grande notícia para si.

**Bernardo** – Acertou no totoloto?

**Antonio** – Muito melhor do que isso! Vamos casar!

**Teresa** – Mas isso é maravilhoso!

**Victorina** – Bem, sim. Não sei o que se passa connosco, mas há já algumas horas que tenho a sensação de ter começado uma nova vida.

**Antonio** – Penso que é o efeito do vosso elixir milagroso. Além disso, se ainda se enquadrar, pensámos em levar duas ou três caixas.

**Irmã Prudência** – Duas ou três caixas?

**Victorina** – Sim, nós demos aos nossos amigos para experimentar e foi um loucura.

**Antonio** – Na aldeia, até o baptizaram como o licor do riso!

**Irmã Inês** – Não...! O licor do riso?

*A Irmã Inês ri-se em voz alta, mas é interrompida pelo facto de todos a estarem a observar.*

**Bernardo** – Não se preocupe com ela, já provou mais licor do que o habitual.

**Irmã Inês** – Bem, lamento, mas nós parámos a produção. Aparentemente, o novo elixir não apresenta todas as garantias sanitárias exigidas por lei.

**Teresa** – Irmã Inês... O voto de silêncio... Temos de ser prudentes, pode haver efeitos secundários prejudiciais a longo prazo.

**Antonio** – Sabe quanto tempo temos de esperar sem este elixir? Isso sim é que é mau...

**Victorina** – Oh não... Os nossos amigos vão ficar muito desapontados...

**Antonio** – Sim, mas muito mesmo... Já nos tínhamos decidido a tomar uma pequena bebida todos juntos para celebrar o Ano Novo.

**Victorina** – Porquê negar este modesto conforto a alguns idosos no final do seu vidas?

**Antonio** – A alguns velhos pobres que não sabem se vão conseguir chegar ao próximo Ano Novo...

*Todos os olhos se voltam para a Irmã Prudência.*

**Irmã Prudência** – Bem, dê-lhes uma garrafa para que possam terminar o acto... Para que conste, esta é a última uh... E nem uma palavra à Madre Superiora!

*A Irmã Inês dá-lhes uma garrafa. Antonio e Victorina estão encantadas.*

**Victorina** – Obrigado, irmã.

**Antonio** – Que Deus vos recompense.

**Irmã Inês** – Entretanto...

*A Irmã Inês gesticula os seus dedos para os fazer pagar. Antonio dá-lhe outra nota de 20 €.*

**Irmã Inês** – Ui, mas isto é demais.

**Antonio** – É para as vossas boas obras, irmãs.

**Victorina** – Feliz Natal para todos vós!

*Anatole e Victorina deixam a cena e há outro silêncio embaraçoso.*

**Teresa** – De qualquer forma, ainda temos uma pergunta no ar...

**Bernardo** – Qual delas, Teresa?

**Teresa** – Esse campo teve de ser plantado por alguém, certo?

**Irmã Prudência** – Sim, foi precisamente isso que o polícia disse.

**Teresa** – Alguém que não vai ficar propriamente entusiasmado por descobrir que temos lhe feito a colheita.

**Irmã Inês** – Por outro lado... Ainda é droga.

**Bernardo** – E depois?

**Irmã Inês** – Roubar droga de traficantes... No fundo... É uma boa acção!

**Teresa** – Não quando se rouba com a intenção de revender, irmã.

**Irmã Inês** – Mas revendemo-la por conta de Deus!

**Bernardo** – Então... Seríamos como Robin dos Bosques, que roubado aos ricos para dar aos pobres.

*Entra o traficante ligeiramente irritado.*

**Teresa** – Oh, meu Deus! E os clientes continuam a entrar!

**Irmã Inês (ao traficante)** – Há alguma coisa que possamos fazer por si?

*O traficante mostra às irmãs um monte de marijuana.*

**Traficante** – Na vossa opinião, irmãs, isto o que são ? Ervas provençais?

**Irmã Prudência** – Oh, você também é polícia? O seu parceiro acabou de sair.

**Traficante** – Não sou polícia, não sou...

**Irmã Inês** – Então o que está a fazer com isso? Não sabe que é proibido?

**Traficante** – Acontece que eu cultivo esta bela coisa e não gosto de intrusos...

**Teresa** – Ah... Eu compreendo...

**Traficante** – Vejo que sabe do que estou a falar...

**Irmã Prudência** – Mas o que a faz pensar isso?

**Traficante** – Bem, porque encontrei este molho de erva mesmo em frente à capela.

**Irmã Prudência** – Mas e daí! Você não tem o direito! Este convento é um lugar sagrado!

**Traficante** – Sacro? Estão a destilar marijuana roubada de cultivadores honestos e vem dar-me uma lição de moralidade?

**Teresa** – Isto é apenas um pequeno mal-entendido.

**Irmã Prudência** – A Irmã Inês confundiu esta erva daninha com o dente-de-leão.

**Traficante** – Com dente-de-leão... Claro... Mas vocês julgam que eu acredito?!

**Bernardo** – Por favor, acalme-se. Não fizemos nada de errado, asseguro-lhe que não queremos problemas. Tenho a certeza que as pessoas podem entender-se falando.

**Irmã Inês** – Além disso, não sabíamos que este campo tinha um proprietário.

**Irmã Prudência** – Isto não impede a polícia de tentar localizar esta plantação clandestina. Eles acabarão por encontrá-la.

**Traficante** – E eles disseram-lhe onde ela está?

**Irmã Prudência** – Ainda não...

*O traficante fica um pouco calado.*

**Traficante** – Bem, talvez ainda haja uma maneira de o consertar. Afinal de contas, Partilhamos o mesmo objectivo.

**Irmã Prudência** – O mesmo objectivo?

**Traficante** – É claro que também tentamos espalhar a felicidade aos nossos por aí.

**Teresa** – Então... o que propõe?

**Traficante** – Um jardim partilhado, talvez?

**Bernardo** – Acho que quando diz jardim partilhado... Não estás a pensar precisamente numa cultura de ervas aromáticas?

**Traficante** – Vocês fazem um voto de silêncio, nós cuidamos do cultivo e deixámos uma parte da colheita.

**Irmã Inês** – Mas... De quanto estamos a falar?

**Traficante** – Dez por cento.

**Irmã Inês** – Bem, parece razoável... Como os dizimos... É o deveriam pagar os camponeses à Igreja na Idade Média para financiar boas obras.

**Irmã Prudência** – Sim, mas o povo da Idade Média não cultivava marijuana.

**Traficante** – Irmã, considere-o um produto 100% ecológico.

**Irmã Prudência** (*a santificar-se*) – Oh meu Deus!

**Traficante** – Obviamente, se nos pudessem encontrar um lugar mais discreto...

**Teresa** – Para quê?

**Traficante** – Bem, para cultivar o nosso pequeno jardim de delícias, é claro.

**Irmã Inês** – Será que o claustro lhe serviria, por exemplo?

**Traficante** – Desde que não seja muito sombrio... Estas plantas precisam muita luz do sol.

**Irmã Prudência** (*apreensiva*) – Temos de pensar no assunto. deve compreender que um uma decisão dessa magnitude tem de ser considerada.

**Traficante** – Em qualquer caso, nem sequer pense em chamar a polícia.

**Irmã Inês** – Tranquelize-se, estamos protegidos pelo segredo da confissão.

**Traficante** – Ainda tenho uma pergunta para lhe fazer...

**Irmã Prudência** – Diga...

**Traficante** – Que diabo estão vocês a fazer com toda aquela erva?

**Irmã Inês** – Licor. Fazemos licor.

*O traficante pega numa garrafa e lê.*

**Traficante** – «Elixir de Santa Maria-Joana». Bem... Ok! Encontraram a cobertura perfeita. Vocês sabem que isto pode funcionar, e é óptimo para exportação?

**Irmã Inês** – Ouçam, não é parvoíce. Não só o nosso convento poderia ter fama com este elixir, mas também podemos ajudar a equilibrar a contas de todo o país.

**Irmã Prudência** – Irmã Inês, sabemos que acabou de terminar os estudos de comércio, mas o nosso convento não é um centro de empreendedorismo ou qualquer outra coisa desse estilo.

**Teresa** – Lembro-vos apenas que o cultivo, venda e consumo de marijuana são estritamente proibidos por lei.

**Bernardo** – Por agora, Teresa, por agora...

*Antonio e Victorina voltam a entrar e o traficante sai.*

**Traficante** – Bem, eu deixo-vos por agora. Continuem e pensem na minha proposta.

**Irmã Prudência** – Nem uma palavra para a Madre Superiora, se ela descobre que vai ter um ataque cardíaco. Ou à polícia, claro. Vamos resolver isto à nossa maneira.

**Bernardo** – Você assusta-me, Irmã Prudência. Espero que não esteja a pensar em recorrer à violência...

**Irmã Prudência** – Não, se puder ser evitada, asseguro-vos. Entretanto, vou para o banco para tratar do pequeno problema com o cheque.

**Irmã Inês** – Eu acompanho-a, irmã. Na universidade também me ensinaram para pôr os banqueiros nas minhas costas.

*A Irmã Prudência e a Irmã Inês deixam o local.*

**Antonio** – Teresa, este licor é verdadeiramente espantoso.

**Teresa** – Ainda não bebeu tudo, pois não?

**Antonio** – Não, mas os nossos vizinhos estão totalmente viciados.

**Victorina** – É como uma verdadeira droga, digo-vos eu. Agora vínhamos para ver como foi a produção.

**Antonio** – Sim, já tivemos algumas encomendas.

**Victorina** – Mas não se preocupe, estamos a vendê-la sem lucro, não somos revendedores.

**Antonio** – É bastante simples, eles já não podem viver sem ele e a maioria desistiu a sua medicação habitual.

**Bernardo** – Bem, se isto continuar, não vamos apenas reabastecer o convento, mas também vamos limpar os cofres da Segurança Social.

**Teresa** – Tome, uma última garrafa e vá agora, por favor.

*Antonio entrega a Teresa uma nota de 20 euros e leva a garrafa.*

**Antonio** – Obrigado, irmã.

**Teresa** – Antonio, eu sou Teresa.

**Antonio** – Ah... Bem, obrigada, Irmã Teresa.

*Antonio e Victorina deixam o local.*

**Teresa** – Afinal de contas, acho que também merecemos uma bebida... Nem que seja para celebrar.

*Teresa serve dois pequenos copos de elixir.*

**Bernardo** – Mas não demasiado, eh... Temos de ir devagar se quisermos evitar o overdose...

**Teresa** – Não se preocupe, é uma droga muito suave. Caso contrário, não estaria à venda em convento.

**Bernardo** – Tens razão, Teresa. Deus não o permitiria.

*Teresa e Bernardo bebem o copo de uma vez.*

**Teresa** – É claro que temos de admitir que faz bem onde quer que passe.

**Bernardo** – Sim, na verdade.

**Teresa** – Esta coisa fica entre nós, ok...

**Bernardo** – É claro, é claro...

**Teresa** – Outra bebida?

**Bernardo** – Está bem. Não há mal nenhum em fazer o bem.

*Tomam outro chupito de um só trago.*

**Teresa** – Isto faz-me lembrar a lei seca...

**Bernardo** – Já alguma vez ouviste falar da lei seca?

**Teresa** – Estava a brincar, meu...

**Bernardo** – Claro, claro... Isso foi muito antes dos livros de racionamento! Pensava que era muito mais jovem do que a Victorina.

*Ambos estão a rir.*

**Bernardo** – E se tu e eu nos casássemos?

**Teresa** – Estás a falar a sério ou são os efeitos da droga?

**Bernardo** – Tu és a minha droga, Teresa.

*Bernardo tenta beijá-la e Teresa resiste fracamente.*

**Teresa** – Vá lá, Bernardo, isso é uma loucura!

*Sam aparece novamente e surpreende o casal. Teresa reposiciona-se a si própria.*

**Teresa** – Desculpa-nos, estávamos apenas a limpar o pó.

**Bernardo** – Bom dia, bom dia. As coisas estão melhores?

**Sam** – Muito melhor, garanto-vos. Parece que a minha constipação se foi. Um verdadeiro milagre! E sem dúvida, graças ao elixir, seria possível obter outra garrafa? Ou duas... Como não é alcoólico... É para os meus amigos de classe...

**Teresa** – Para os seus amigos?

**Bernardo** – Eles também estão doentes?

**Sam** – Vocês sabem.. As doenças propagam-se rapidamente. Acho que passei a minha constipação a toda a escola.

*A Irmã Prudência regressa ao local.*

**Irmã Prudência** – Está tudo bem?

**Bernardo** – Sim, sim, está tudo bem.

*Teresa dá a Sam uma garrafa de forma muito discreta.*

**Teresa** – Pegue nisto e vá, corra.

**Sam** – Deus te abençoe, irmã.

**Teresa** – Eu não sou freira, jovem e duvido que alguma vez venha a sê-lo.

**Bernardo** – Ei,ei, mas são 20 euros.

**Sam** – 20 euros?

**Teresa** – O que queres? Tudo sobe. É a lei da oferta e da procura.

**Bernardo** – Vá lá, agora, sai daqui.

*Sam dá a Bernardo uma nota e deixa o local do crime.*

**Teresa** – Como correu no banco, irmã?

**Irmã Prudência** – A Irmã Inês obteve um adiamento da dívida explicando a nossa situação.

**Teresa** – Bem, com as vendas de hoje penso que podemos resolvê-lo.

**Irmã Prudência** – Sim, Teresa, graças a Deus...

**Bernardo** – E a Santa Maria-Joana!

*O traficante entra outra vez.*

**Traficante** – Irmãs, acabei de encontrar o meu contacto no instituto e ele disse que não quer comprar mais erva de mim.

**Bernardo** – Para os jovens deixar de usar drogas é um motivo de alegria.

**Traficante** – Sim, mas o que eles querem agora é o vosso elixir.

**Teresa** – Oh, certo...

**Traficante** – Se perdermos as escolas, podemos fechar o bar.

**Bernardo** – Eu compreendo, eu compreendo...

**Traficante** – E isso sem contar com os velhos da cidade.

**Teresa** – Não me diga que também está a tirar partido de homenzinhos velhos...

**Traficante** – Em que estão vocês e a pensar? Os homens velhos de hoje não são os homens velhos... Estes são já a geração de Maio de 68.

**Bernardo** – Bem, devo confessar que um pequeno empurrão de vez em quando não é mal. Em geral, o nosso elixir não é muito mais viciante do que os antidepressivos.



**Traficante** – Bem, sim... E, desde esta manhã, parece que deixaram de fumar para se dedicar a um certo elixir monástico.

**Teresa** – Pedimos desculpa, a sério. Mas não se preocupe, vamos definitivamente parar produção.

**Traficante** – Bem... E se em vez disso formos parceiros?

**Irmã Prudência** – Está a propor uma sociedade de malfeitores?

**Traficante** – Não é nada de mais, irmã.

**Bernardo** – De que tipo de associação estamos, então, a falar?

**Traficante** – Bem, não só o cultivo, mas também o processamento do produto.

**Teresa** – A transformação?

**Traficante** – Hoje em dia, tudo o que se fuma não é bem visto... As campanhas anti-tabagismo causaram muitos danos... Penso que se formos parceiros poderemos desenvolver uma nova linha de produtos que sejam seguros para os pulmões e agradáveis para o paladar. Tudo sob a protecção suprema de Santa Maria-Joana, é claro.

**Bernardo** – Isso não soa mal...

**Traficante** – Imagine legalizar a marijuana. Asseguro-vos que o convento receberiam mais royalties do que o próprio Vaticano. Isto só seria comparável com a multiplicação dos pães e dos peixes. Irmãs, acabei de recuperar a minha fé! Deixem-me enforcar se não forem beatificados!

**Irmã Prudência** – Oh meu Deus!

**Traficante** – Qual é o seu primeiro nome, irmã?

**Irmã Prudência** – Prudência.

**Traficante** – E como se sentiria se fosse chamado de Santa Prudência?

*O polícia volta a entrar e o traficante esconde-se no outro extremo da loja.*

**Polícia** – Desculpem-me novamente, irmãs, a Madre Superiora está por perto?

**Teresa** – Para que precisa dela, Comissário?

**Polícia** – Os nossos cães levaram-nos para a plantação de marijuana.

**Teresa** – A sério?

**Polícia** – O campo foi colhido, mas conseguimos identificar as raízes. Agora só temos de encontrar o revendedor e as suas plantas.

**Bernardo** – Não está a acusar as freiras de tráfico de droga?

**Polícia** – Não, claro. No entanto, veja as fotografias tiradas pela vigilância que tínhamos instalado sob disfarce. Aparentemente, esses traficantes disfarçam-se de freiras para não serem reconhecidos. No entanto, conseguimos estabelecer uma foto do acima referido.

*O polícia mostra-lhes o composto.*

**Polícia** – Este rosto significa alguma coisa para si?

**Teresa** – Oh, meu Deus! palavra que não...

**Polícia** – Bem, avise as irmãs que há um limite para a nossa paciência. Eu posso levar todos para a esquadra para interrogatório. E as freiras como traficantes não seriam boa publicidade nem para a cidade nem lá para cima.

*A Madre Superiora está a chegar.*

**Madre Superiora** – Não temos medo das suas leis, Comissário. Durante a guerra, este convento tem escondido muitos refugiados políticos.

**Polícia** – Senhora, estamos à procura de um traficante que cultivava marijuana na montanha. Não creio que isso seja um refugiado político.

**Madre Superiora** – Saia daqui imediatamente! Este é um lugar sagrado e asilo.

**Polícia** – Eu volto, madre. Assim que receber a ordem do juiz, estarei de volta.

*O polícia está de partida.*

**Traficante** – Obrigado por me cobrir, madre.

**Madre Superiora** – Isto não significa que dêmos a nossa aprovação.

**Traficante** – Entre nós, a senhora faz o mesmo que eu.

**Madre Superiora** – Sim, mas a nossa é por uma boa causa. Deus irá julgar-nos.

*A Madre Superiora oferece ao traficante o hábito de freira.*

**Madre Superiora** – Aqui, ponha isto. E se eles quiserem interrogá-lo, diremos que fez um voto de silêncio.

*O traficante deixa o local para mudar. A Irmã Inês entra em cena.*

**Madre Superiora** – Finalmente ela aparece, Irmã Inês! O polícia acabou de sair. Escapámos por um milagre.

**Irmã Inês** – Eu sei, fui eu quem colheu a plantação inteira para evitar problemas com a polícia.

**Teresa** – Onde a deixou?

**Irmã Inês** – Bem, na capela, onde mais podia ser?

**Bernardo** – Mas isso é uma loucura! O comissário estará de volta em breve com um mandado de busca.

*O traficante está de volta com a roupa da sua freira.*

**Irmã Inês** – Bom dia, Irmã. Bem-vindo ao nosso convento.

**Traficante** – Ei, eu não pretendo fazer disso um hábito.

**Irmã Prudência** – Bem, se eu fosse a si, abrigar-me-ia por um bocado à medida que a tempestade passa.

**Bernardo** – Em qualquer caso, a túnica fica-lhe muito bem.

**Madre Superiora** – E o convento está sempre a precisar de voluntários.

**Teresa** – Bem, eu não me importaria de desistir do meu lugar na loja... embora não seria muito discreto dizer...

**Madre Superiora** – Ele poderia cuidar do jardim, é claro que ela tem uma boa mão com as plantas.

**Irmã Prudência** – Sim...

**Madre Superiora** – Entretanto, Irmã Inês, dê-lhe uma cela, ele não pode ficar aqui.

**Traficante** – Uma cela? O quê? que diz?

**Irmã Inês** – Não se preocupe, a cela que vamos deixar para si pode ser aberta por dentro.

*O traficante e a Irmã Inês deixam o local.*

**Irmã Prudência** – Vai mesmo fazê-lo cultivar marijuana no claustro, Madre?

**Madre Superiora** (*surpreendida*) – Foi isso que eu disse?

*O polícia aparece novamente com o mandado de busca.*

**Polícia** – É isso mesmo. Aqui está o mandado de busca.

**Madre Superiora** – Estamos completamente dispostos a colaborar consigo, mas..., antes de mais, Teresa, dê ao Comissário um copo do nosso melhor elixir para para lhe dar as boas-vindas.

**Teresa** – Sim, Madre.

**Madre Superiora** – Deixo-vos, vou rezar por vós.

*A Madre Superiora deixa o local.*

**Teresa** – Quero que experimente a nossa especialidade, o famoso elixir de Santa Maria-Joana.

**Polícia** – É muito amável, mas eu tenho trabalho a fazer aqui.

**Bernardo** – É uma tradição de boas-vindas, Comissário, seria uma grande ofensa para irmãs recusar o seu convite.

**Polícia** – Está bem, está bem... Está bem. Mas rapidamente, estou com pressa.

*Teresa serve-lhe um grande copo de licor. O polícia começa a beber com um certo desconfiança, mas é rápido a animar.*

**Polícia** – Ah, sim, é muito bom. É engraçado, eu acho um gosto a...

**Teresa** – Sim, sim, maçã. Penso que esse é o novo ingrediente.

**Bernardo** – Ele é muito bom em tudo, Comissário. Até o ajuda a encontrar o suspeito.

**Teresa** – Vou servir-lhe outro copo.

*O polícia prepara-se para protestar, mas o copo já está novamente cheio.*

**Polícia** – Bem, vá lá... Obrigado, irmã...

*Ele bebe novamente.*

**Polícia** – É verdade que isto acalma os nervos...

**Irmã Prudência** – É por isso que dentro deste convento existe um grande serenidade.

**Polícia** – Bem, sim, sinto-me realmente relaxado. Bom, agora, se me dão licença, Tenho um registo a fazer.

**Irmã Prudência** – Estou consigo, Comissário.

*O polícia dirige-se para a saída com um passo instável ao lado da Irmã Prudência.*

**Teresa** – Tudo está perdido! Receio que acabemos na prisão.

**Bernardo** – Tudo o que podemos fazer agora é rezar...

**Teresa** – Acho que as prisões não serão mistas, pois não?

**Bernardo** – Não mais do que os conventos, receio eu.

**Teresa** – Portanto, não há hipótese de acabarmos juntos na mesma cela?

**Bernardo** – Não, nenhum.

**Teresa** – Então... Beija-me, Bernardo!

*Teresa e Bernardo preparam-se para beijar, mas o traficante, que ainda está vestido como Freira, interrompe-os.*

**Traficante** – Acabei de ver o polícia a passar. Penso que desta vez estamos perdidos.

**Teresa** – Com um pouco de sorte não vão encontrar nada. drogámos o comissário.

**Traficante** – De qualquer forma, há uma boa pilha de erva pelo presépio.

**Teresa** – Nesse caso, vamos continuar a rezar para que um milagre aconteça.

*Teresa e Bernardo começam a rezar. O traficante imita-os. A música religiosa é ouvida enquanto rezam e a luz desce por um momento para simbolizar a passagem do tempo.*

**Polícia** – Bem, irmãs, desculpem incomodar-vos no meio da oração, já acabei com o registo.

*O traficante esconde-se atrás do véu e não responde.*

**Teresa** – Perdoe a irmã, Comissário, ela também fez um voto de silêncio.

**Polícia** – Compreendo... De qualquer forma, peço-vos que aceitem as minhas desculpas. Não encontrei nenhum vestígio de marijuana ou do suspeito em todo o convento. Já agora o presépio da capela é realmente maravilhoso. Bem, vou deixar-vos a foto do suspeito. Se o vir por aí, diga-nos. Desculpe-me novamente e Feliz Natal.

*O polícia está de partida. A Madre Superiora chega com a Irmã Prudência e a Irmã Inês.*

**Irmã Inês** – É um milagre! Quando chegámos à destilaria...

**Teresa** – Quando chegamos à destilaria, o quê?

**Irmã Prudência** – A marijuana tinha sido transformada em folhas de louro.

**Teresa** – Louvado seja! Vamos agradecer a Santa Maria-Joana!

**Irmã Inês** – Este é o sinal de que temos estado à espera! A prova óbvia de que o Pai Natal apoia o nosso projecto.

**Madre Superiora** – Não vá tão depressa, Irmã Inês, este milagre foi obra minha.

**Bernardo** – Então, Madre, a irmã é que mereces ser beatificada!

**Madre Superiora** – Ontem decorei o presépio com ramos de louros. E, como tive de esconder os maços de marijuana da capela, tudo o que fiz foi colocá-los por baixo.

**Irmã Inês** – Ah, certo! Muito boa ideia!

**Irmã Prudência** – Um presépio de Natal decorado com marijuana... Pelo amor de Deus!

**Madre Superiora** – Isto é temporário, irmã... E agora, espero que tudo volte a normalidade.

**Irmã Inês** – O que quer dizer com isso, madre?

**Madre Superiora** – O que está a ouvir irmã. Não há cannabis no licor. Voltamos à velha receita.

**Irmã Inês** – Mesmo que o convento esteja insolvente?

**Madre Superiora** – Não estou assim tão preocupada, Irmã. A religião católica sobreviverá como sempre sobreviveu. Se necessário, transformamos as nossas celas em quartos e transformar isto num hotel.

*A Irmã Inês parece desapontada, mas aceita.*

**Traficante** – Desculpe, madre, mas deve-se sentir muito envergonhada. Ainda assim, saiba que aprendi muitas coisas desde que vesti esta túnica.

**Madre Superiora** – Eu perdoo-te, meu filho. Fizeste-me recordar a minha juventude quando ainda estava a combater o sistema com o Abade Pedro.

**Traficante** – Bem, de qualquer forma, obrigado por não me entregar à polícia. A esta hora, sem si, já estaria provavelmente na prisão. Portanto, se eu puder ser útil de uma forma ou de outra...

**Madre Superiora** – Vamos pensar no assunto, filho. Entretanto, volte para a sua cela.

*A luz apaga-se.*

## Final

*Um ano mais tarde, a calma voltou à loja do convento. A Irmã Prudência faz as contas atrás do balcão e a Irmã Inês aparece com uma caixa cheia de velas.*

**Irmã Prudência** – É engraçado, voltámos à velha fórmula, e ainda assim o nosso elixir vende muito melhor do que antes.

**Irmã Inês** – É porque mudámos o rótulo. Os nossos clientes pensam que o frasco ainda contém a nova fórmula. Chama-se o efeito placebo.

**Irmã Prudência** – Sim, parece ser o suficiente para os manter felizes. Como é costume dizer: olhos que não vêem, coração que não sente.

**Irmã Inês** – De qualquer forma, Irmã Prudência, vim despedir-me...

**Irmã Prudência** – Então é verdade? Vai-se embora? Já nos vai deixar?

**Irmã Inês** – Sim, decidi desistir da vida monástica.

**Irmã Prudência** – Porquê? Outra aparição de Nossa Senhora?

**Irmã Inês** – O oposto. Quando os meus colegas de turma na universidade descobriram que eu tinha tomado os hábitos, confessaram-me que, antes de eu ter a visão da Virgem, tinham-me dado, sem o meu conhecimento, uma pizza com cogumelos alucinogénios. Uma piada de mau gosto pelo aspecto.

**Irmã Prudência** – Cogumelos alucinogénios?

**Irmã Inês** – Sim. Foi provavelmente daí que surgiu a aparição milagrosa da Virgem...

**Irmã Prudência** – Deus no céu! Seja como for, ficamos a dever-lhe uma. Graças a si relançamos as finanças do convento e deram frutos.

**Irmã Inês** – Obrigada, Irmã, não é nada de especial.

**Irmã Prudência** – Felizmente, Irmã Inês, continuo a acreditar que o seu lugar não era em um convento...

**Irmã Inês** – Eu sei, embora vá sentir a sua falta. Mas não se preocupe, eu passo por aqui para dizer olá de vez em quando.

*Teresa e Bernardo também aparecem vestidos de hippies.*

**Irmã Prudência** – Olá, Teresa! Olá, Bernardo! Então? Quando é que o casamento?

**Bernardo** – Bem, por agora não, Irmã Prudência. Por enquanto, vamos continuar a viver em pecado. Não é verdade, querida?

**Teresa** – Definidamente, o casamento não é para todos.

**Bernardo** – E se não, olhe para a Victorina, logo após ter casado e ficou viúva. Não sei se pode dizer que o casamento fez muito bem ao pobre António.

**Teresa** – Uma overdose de felicidade, talvez.

**Bernardo** – De qualquer modo, não gostaria de acabar como ele.

**Irmã Prudência** – Mas é muito mais novo que António, Bernardo...

*Risos gerais.*

**Teresa** – Então, Irmã Prudência, um novo recomeço, não é assim?

**Irmã Prudência** – De facto. Não foi só o nosso elixir que relançou o convento. Agora também vendemos as novas velas de Santa Maria-Joana e olhe que desaparecem das prateleiras num instante.

**Irmã Inês** – Olha, tenho aqui o suficiente para encher as prateleiras. Estive a fabricar-las esta manhã com o novo voluntário que me irá substituir nas minhas funções.

**Irmã Prudência** – Confiou o segredo de St. Maria Joana ao traficante?

**Irmã Inês** – Penso que podemos confiar nele, irmã... Aquele que está livre de pecado, que atire a primeira pedra.

**Irmã Prudência** – Em qualquer caso, não se o vê com muita frequência.

**Bernardo** – A verdade é que tem boas razões para ser discreto. Claro que sim, está melhor aqui do que na prisão.

**Irmã Inês** – Agora também o tenho a fazer as velas com uma nova fórmula. Temos incluindo os cogumelos e outros cogumelos que cultivamos nas catacumbas de convento. Vai ver... É dinamite pura!

**Bernardo** – Vou acender uma imediatamente, irmã.

*Bernardo acende uma vela e todos respiram fundo.*

**Teresa** – Agora que o menciona, elas libertam realmente um aroma forte.

**Irmã Prudência** – Que cheiro bom!

**Teresa** – Sim, cheira a santidade!

**Bernardo** – Tenho a certeza que se colocarmos estas velas nas missas, a Igreja estará sempre cheia de gente!

*A Madre Superiora chega e ouve esta última frase.*

**Madre Superiora** – Pelo amor de Deus! Outro milagre de Santa Maria-Joana!

*A Madre Superiora é santificada e todas elas permanecem estáticas enquanto soa, mais uma vez música religiosa.*

*A luz apaga-se e a cortina fecha-se.*

**Fim**



## O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (Sexta-feira 13 ou Strip Poker).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque ([comediatheque.net](http://comediatheque.net)). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Para aqueles que desejam apenas ler estas obras ou que preferem trabalhar o texto a partir de um formato livro tradicional, uma edição em papel mediante pagamento, pode ser encomendada no site Amazon, a um preço equivalente ao custo de uma fotocopia deste arquivo.

*Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português*

No fim da linha

Sexta-Feira 13

Strip Poker

Uma herança pesada

Um pequeno homicídio sem consequência

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez  
podem ser baixadas livremente no seu site :  
<https://comediatheque.net>*

***Este texto é protegido pelas leis relativas  
ao direito de propriedade intelectual.  
Todas as contrafações são puníveis,  
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.***

Paris – Janeiro 2022  
© La Comédiathèque – ISBN 978-2-37705-604-0

Documento para download gratuito